

O Processo, a culpa, o cão

O Processo, the guilt, the dog

Alecsandra Leite Pereira HARPER⁵⁹

Rosana Cristina Zanelatto SANTOS⁶⁰

RESUMO: É inegável a importância das obras de Franz Kafka para a intelectualidade vigente e para a literatura contemporânea. Este artigo destaca *O processo*, que narra a história de Josef K. e seus desdobramentos no percurso do processo ao qual é submetido, buscando relacionar o mal-estar e o sentimento de culpa ao protagonista, tendo por base teórica a perspectiva freudiana e os estudos sobre o não-lugar do herói. A metodologia de investigação é a da pesquisa bibliográfica, buscando as confluências entre o fenômeno literário e categorias psicanalíticas e filosóficas, explorando uma perspectiva que corrobora o caráter multissignificativo do universo kafkiano. Os resultados indicam que o mal-estar e seus correlatos inquietude e desconforto apresentam-se por todo o périplo narrativo de Josef K. e que a culpa está sumariamente entrelaçada a esses temas. Assim, torna-se impossível a adequação do sujeito ao ideal de universalidade imposto a si pelo entorno e por si mesmo. As conclusões apontam K. como herói desorientado, vivendo numa incongruência entranhada na própria linguagem, resultando na desorientação e na cativação do leitor. O ato final de *O processo* mostra o sujeito ocupando a posição extrema do não-lugar. O herói acaba por sucumbir aos mais profundos sentimentos de mal-estar e de culpa de maneira tão intensa, levando-o à morte.

PALAVRAS-CHAVE: herói; mal-estar; culpa; não-lugar.

ABSTRACT: The importance of Franz Kafka's work for the current intellectuality and contemporary literature is undeniable. This paper focuses on *O processo*, which narrates the story of Josef K. during the course of a trial to which he is submitted, and it aims at relating the discontentedness and the feeling of guilt to the protagonist of the story, based on the Freudian perspective and the establishment of the non-place of the hero. The methodology that is used in this study is the bibliographical research, searching for confluences between literary phenomenon and psychoanalytic and philosophical categories, exploring a corroborative perspective with the multiple meanings of the characteristics of Kafka's universe. The results indicate that discontentedness and its correlates restlessness and discomfort are present throughout the narrative and that guilt is summarily intertwined with these themes. Thus, it becomes impossible for the subject to fit the ideal of universality imposed on him by the environment and himself. The conclusions pointed K. as a disoriented hero, living in an incongruity that is ingrained in the language itself, resulting in the disorientation and captivation of the reader. The final scene of *O processo* shows the subject occupying the extreme position of non-place. The hero end up succumbing to the deepest feelings of discontentedness and guilt in an intense way, leading to his death.

KEYWORDS: hero; discontentedness; guilt; non-place.

⁵⁹ Mestre em Química pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; Graduada em Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; E-mail: alecsandraharp@gmail.com.

⁶⁰ Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP; Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS; Bolsista produtividade em pesquisas no CNPq; E-mail: rzanel@terra.com.br.

1. ANTES DE INSTAURADO O PROCESSO

Para aqueles que se aventuram pelo mundo da literatura, é pouco provável não se deparar, em algum momento, com uma (ou várias) obra(s) de Franz Kafka em seu percurso. O escritor tcheco é autor de alguns dos mais aclamados textos literários do século XX. Sua importância é corroborada pela vasta produção científica e cultural resultante da heterogeneidade de interpretações disponíveis no interior de suas produções. Kafka representa algo tão imensurável que seu nome cunhou o adjetivo kafkiano.

As obras kafkianas mantêm-se vigorosas, ano após ano, leitura após leitura, geração após geração. É nesse universo que se insere a pesquisa ora apresentada, debruçando-se sobre *O processo*, obra que apresenta as desventuras do herói Josef K. e seus desdobramentos no percurso de um processo ao qual é submetido. Entre as possíveis categorias descritivas aplicáveis ao romance, destacam-se a inquietude, o mal-estar, a culpa e o não-lugar. Explorar esta miríade de sentimentos despertados pela leitura vai ao encontro da “[...] diversidade de interpretações [presente] no caráter multívoco do objeto” (ANDERS, 2007, p. 10) contido no universo kafkiano.

Refletir sobre a culpa é refletir sobre um dos mais incômodos e comuns sentimentos humanos. Padecer de culpa? Viver com culpa? Ser culpado? Seria a inocência algo tão sublime, tão estranho à nossa humanidade, tão sem lugar na nossa mente que o simples acreditar em sua existência já seria um fardo maior do que somos capazes de carregar? Para a psicanálise, o “[...] sentimento de culpa como um mal-estar que surge em razão da falta de orientação do sujeito para agir no mundo” (GASPAR, 2007, p. 47).

Por esta razão, a leitura realizada é inquietadora, em face do sentimento de mal-estar que recobre a clausura de *O processo* e a culpa atmosférica manifestada, segundo Volobuef (2002, p. 112), pela “[...] ausência de nexos comportamentais [presente nas relações dos personagens e na] ausência de explicações/justificativas fundamentais [que permitam uma] compreensão racional dos fatos”.

Essa ausência de explicações racionais para os atos e fatos, somada à análise de qualidades tão intrinsecamente humanas quanto o mal-estar e culpa, é o norte para a empreitada de pesquisadores. Nessa perspectiva, articular uma leitura que transite entre os estudos literários, psicanalíticos e filosóficos de *O processo* legitima o estudo em questão, por contribuir para a vertente dos estudos literários comparados.

A escolha por este espaço teórico de trânsito dá-se em razão do balizamento da discussão ora proposta: da realização uma leitura de *O processo* sob o prisma do pensamento freudiano acerca do mal-estar e da culpa, tendo em vista o lócus crítico-literário ocupado, ou seja, permeado pela ideologia acadêmico-social-cultural que nós, da área de Letras de uma universidade federal situada em Mato Grosso do Sul, ocupamos. Erigir tal posicionamento é necessário, uma vez que a pesquisa não busca pôr em pauta aprofundamentos dentro da área da psicanálise e da filosofia, mas sim tomar emprestados conceitos dessas áreas do conhecimento para a composição de nossa leitura.

A problemática levantada busca a elucidação dos posicionamentos adotados pelo herói, demonstrando a desorientação que paira sobre o texto em sua completude. Desorientados, tanto K. quanto o leitor buscam um norte: K. orienta-se pela culpa que carrega, e o leitor pela culpa da não compreensão do que é desenrolado no texto.

Inquietude, mal-estar e desconforto acompanham o leitor por todo o passeio sob os fatos. Mas “[...] o inquietante não são [apenas] os objetos nem as ocorrências como tais, mas o fato de que seus personagens reagem a eles descontraidamente, como se estivessem diante de objetos e acontecimentos normais” (ANDERS, 2007, p. 20).

Destarte, tem-se por objetivo relacionar o mal-estar e o sentimento de culpa ao protagonista da obra, Josef K., sob a perspectiva freudiana, além de propor o estabelecimento o não-lugar do herói na obra analisada.

A realização de leituras multidisciplinares de obras literárias, *sub judice* do debate de ideias e a exploração de multi-interpretações como as aqui apresentadas, contribui para a reflexão conjunta das mais variadas áreas dos saberes,

proporcionando uma maior ligação entre áreas correlatas na investigação dos pormenores do comportamento humano. Candido diz que:

[...] a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração no real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele. Isto posto, podemos abordar o problema da função da literatura como representação de uma dada realidade social e humana, que faculta maior inteligibilidade com relação a esta realidade (CANDIDO, 2002, p. 85-86).

Tendo-se a literatura como representação de realidades social e humana dotada de capacidades de atuação sobre o real, discussões e estudos partindo do *corpus* literário permitem levantamentos e elucidações que colaborem para que o atingimento de um futuro em sintonia com as subidentidades, as espontaneidades e os multiprojetos dos indivíduos no porvir.

Para o atingimento desta empreitada, a metodologia de execução adotada é a da pesquisa bibliográfica, à procura de confluências entre o fenômeno literário e categorias psicanalíticas e filosóficas, vislumbrando o encontro ao caráter multissignificativo intrínseco no universo kafkiano.

O aporte teórico baseia-se no ensaio de Freud *O mal-estar na civilização*, no texto *Não-Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*, de Marc Augé, além de artigos e estudos correlatos às temáticas em questão, operacionalizando-se pelo raciocínio dedutivo relacional, a partir da base bibliográfica elencada, tendo como *corpus* literário *O processo*, de Franz Kafka.

Sem mais delongas, vamos à análise.

2. A LEITURA DOS AUTOS

“**ALGUÉM CERTAMENTE HAVIA CALUNIADO JOSEF K.**” (KAFKA, 2013, p. 7). Assim, em letras maiúsculas e em negrito, começa *O processo*, de Kafka. A perturbação que acompanhará todo o percurso de leitura instaura-se aí, em seu início, logo de pronto. A narrativa fundamenta-se na dúvida, no uso do “alguém”, na afirmativa do ato calunioso, na névoa constante da inquietude.

O protagonista Josef K. é submetido a um estado de terror ao ser acusado e processado por algo totalmente desconhecido por todos os lados envolvidos nesse mecanismo. Imerso em um universo burocrático-prisional, observamos o sujeito sucumbindo aos sentimentos de mal-estar e culpa em que

[...] não se sabe qual o crime. Joseph K. também não pôde ter acesso aos autos de acusação. O advogado faz parte da engrenagem do sistema, simplesmente existindo. As audiências eram marcadas em domingos (para não atrapalhar a vida do protagonista). Não se sabe quem é o juiz ou quem de fato julgará, isso porque, na lógica do medo, o poder é diluído (Foucault), não se sabendo a autoridade coatora. Constrangedor, árido, real, secreto e privado são alguns adjetivos passíveis ao romance (BELO, s/d, p. 3).

A culpa está sumariamente entrelaçada ao mal-estar, à impossível adequação do sujeito ao ideal de universalidade imposto. “Freud revela que o mal-estar sentido como culpa é engendrado pela própria tentativa de [...] superação do mal-estar” (GASPAR, 2007, p. 51).

Logo no começo de sua história, o protagonista de *O processo*, K., acorda e, de sobressalto, vê-se detido em sua residência. “A intervenção traz consigo a mudança forçada de hábitos, a perda do sossego (emocional e físico), a sensação de perigo” (VOLOBUEF, 2000, p. 119). A culpa é então plantada na vida do herói. O inspetor da detenção lhe diz “Não posso lhe dizer que é acusado, ou melhor: não sei se o é. O senhor está detido, isso é certo, mais eu não sei” (KAFKA, 2013, p. 17).

Dúvida e inquietude serão o cerne de toda a obra. Uma aura de constante querer saber mais, surpreender-se, aprofundar-se no que realmente engrena o processo pulsa nas veias do leitor e do herói. “A composição estabelecida atua como uma espécie de destino, que determina e sobrevoa, na sua totalidade, a vida [do herói]; os contextos adequados asseguram o traçado convincente da personagem” (CANDIDO; ROSENFELD; PRADO; GOMES, 1972, p. 79). Consequentemente, K. vive um constrangimento moral e psíquico no qual o real se confunde com o imaginário, o privado com o público. Um emaranhamento cruel e desconcertante dá o tom ao concerto regido pelas palavras de Kafka.

Entre as possíveis leituras permitidas acerca das obras do escritor tcheco, opta-se aqui pela que privilegia a observação dos sentimentos/comportamentos humanos à luz das ideias freudianas. Acerca do estabelecimento do sentimento de culpa, Freud (2015, p.70) escreve que:

Primeiro, ao se perguntar como alguém adquire sentimento de culpa, obtém-se uma resposta que não admite discussão: a pessoa se sente culpada ('pecadora', dizem os devotos) quando fez algo que é reconhecido como 'mau'. Em seguida, vemos como essa resposta é pouca. Após alguma hesitação, talvez se acrescente que mesmo quem não fez esse mal, e apenas reconhece em si o propósito de fazê-lo, pode se considerar culpado, e então se levantará a questão de por que, nisso, o propósito é equiparado à execução. Os dois casos, porém, pressupõem que já se reconheceu o mal como algo repreensível, cuja execução deve ser evitada.

Não é possível desvendar o momento pontual em que o sentimento de culpa foi instaurado na mente e na vida de K., mas é notório o quanto o herói de *O processo* vai digerindo o ocorrido desde sua detenção domiciliar, nutrindo o sentimento de culpa que culmina no desenvolvimento de um “[...] estado de ‘má consciência’, [...] do medo da perda do amor, medo ‘social’” (FREUD, 2015, p.70-71). K. é tomado por essa “má consciência” que, aliada aos temores da publicidade de seu processo, originam um medo constante de “ser descoberto” ou desmascarado como culpado.

O enclausuramento psíquico e social do herói é arquitetado e reforçado pelos personagens e acontecimentos externos que asseguram a onipresença do tribunal. No capítulo primeiro, três colegas de trabalho de K. assistem à sua detenção; no segundo, o herói é avisado de seu inquérito por um telefonema recebido em seu trabalho; no quinto capítulo, a cena de espancamento ocorre em um quarto de depósito do banco; no sétimo capítulo, o pintor Titorelli ocupa um atelier em uma sala cedida de um tribunal; o sacerdote no nono capítulo é também um empregado do tribunal. Freud (2015, p. 70) observa que:

Com frequência o mal não é, em absoluto, uma coisa nociva ou perigosa para o Eu, mas pelo contrário, algo que ele deseja e que lhe dá prazer. Aí se mostra, então, a influência alheia; ela determinará o que será tido por bom ou mau. [...] o mal é aquilo devido ao qual alguém é ameaçado com

a perda do amor; por medo dessa perda é preciso evitá-lo. [...] não importa se já fizemos o mal ou se ainda o faremos; em ambos os casos, o perigo só aparece quando a autoridade descobre a coisa [...].

K. passa a viver um medo constante de que seu “mal” seja exposto pelas autoridades. Embora desconheça a natureza do tribunal ao qual está submetido, ele se rende à sua autoridade sob o pavor de ser desmascarado e descoberto culpado para o mundo no qual ele existe e ocupa o papel de procurador do banco. Advento da culpa, o mal-estar dita o ritmo de toda a obra. K. sofre um mal-estar paralisante que, pouco a pouco, vai se alastrando e transformando-se na manifestação por excelência da neurose obsessiva. Sua batalha interior pode ser identificada, em termos psicanalíticos, como o “Super-eu [que] atormenta o Eu pecador com as [...] sensações de angústia e fica à espreita de oportunidade para fazê-lo ser punido pelo mundo exterior” (FREUD, 2015, p.71).

O estar sendo processado, porém gozando de liberdade, vai paulatinamente colocando o herói em uma prisão mental, até o momento em que o desempenho de suas atividades rotineiras se torna impraticável. Segundo Freud (2015, p 72),

Enquanto as coisas vão bem para a pessoa, também a sua consciência é branda e permite ao Eu muitas coisas; quando uma infelicidade a atinge, ela se examina, reconhece sua pecaminosidade, eleva as reivindicações da consciência, impõe-se privações e castiga a si mesmo com penitências.

A vida de K., anteriormente à sua detenção e à submissão ao processo, era composta por uma situação de prestígio e uma rotina que lhe permitiam o prazer e a felicidade sob os moldes sociais da época. O protagonista

Ficava em geral até as nove horas no escritório, tinha o hábito, à noite, depois do trabalho, quando ainda era possível, de dar um pequeno passeio a pé, sozinho ou na companhia de funcionários, indo depois a uma cervejaria, onde comumente ficava sentado até as onze horas numa mesa reservada, junto com pessoas de mais idade. Havia também exceções a essa distribuição do tempo, quando por exemplo era convidado pelo diretor do banco, que valorizava muito sua capacidade de trabalho e confiabilidade, a um passeio de automóvel ou a um jantar em sua mansão. Além disso, K. ia uma vez por semana à casa de uma jovem chamada Elsa, que durante a noite trabalhava até altas horas da madrugada como

garçonete numa cantina, e durante o dia só recebia visitas na cama (KAFKA, 2013, p. 22-23).

Este estado de controle sobre suas atividades e a manutenção de uma rotina “feliz” é abalado pelo processo, e K. concebe uma “[...] neurose obsessiva, [em que] o sentimento de culpa se impõe de modo ostensivo a consciência, dominando o quadro patológico e a vida” (FREUD, 2015, p.81). Essa ruptura em seu quadro psicossocial é a infelicidade que promove o autoexame e o reconhecimento de sua pecaminosidade. Joseph K. “Não conseguia mais deixar de pensar no processo” (KAFKA, 2013, p. 115).

Para Freud (2015, p. 86), “Os sintomas das neuroses são [...] essencialmente satisfações substitutivas para desejos sexuais não realizados”. *O Processo* é bafejado por uma brisa de anseios sexuais que vez ou outra vêm à tona. A beleza é ressaltada naqueles que carregam culpa:

Os acusados são precisamente os mais belos. Não pode ser a culpa que os torna belos – pelo menos é assim que devo falar como advogado –, pois com certeza não são todos culpados; também não pode ser a pena correta que agora os faz belos, pois sem dúvida nem todos são punidos; só pode ser, portanto, o processo instaurado que, de algum modo, adere a eles. (KAFKA, 2013, p. 185).

Com o processo aderido a si, K., além de seu romance prévio com a jovem garçonete Elsa, aventura-se em paixões com sua vizinha, Senhorita Bürstner, e com a cuidadora de seu advogado, Leni. Acerca das mulheres que o rodeiam, K diz:

As mulheres têm um grande poder. Se fosse capaz de mover algumas mulheres que conheço a trabalharem em conjunto para mim, eu necessariamente iria me impor. Sobretudo neste tribunal, que é composto quase que exclusivamente de mulherengos. Mostre ao juiz de instrução uma mulher à distância, que ele, para chegar em tempo, atropela a mesa do tribunal e o acusado (KAFKA, 2013, p. 212).

Estes desejos emaranhados entre poder e sexo não avançam, pois a culpa o obstrui, pune, castra K. Ainda à luz de Freud (2015, p. 86), tem-se que “[...] toda

neurose esconda um quê de sentimento de culpa inconsciente, que por sua vez fortalece os sintomas ao usá-los como castigo”.

Independentemente do veredicto, K. torna-se culpado e desenvolve uma rotina de pequenas punições (castrações) mentais/obsessivas materializadas no não-desempenho de suas funções sociais, “[...] na realidade, não podia mais nem de longe aproveitar como antes o tempo no escritório, passava horas só aparentando, a duras penas, que trabalhava de fato; suas preocupações, porém, eram maiores quando não estava no escritório” (KAFKA, 2013, p. 199).

K. definha como ser psíquico e físico. Incapacitado por martirizar-se em excesso, o herói repele toda e qualquer auxílio à sua causa. Ele se fecha hermeticamente num ciclo de pensamentos e controles que, em sua visão, somente a ele competem, afastando-o do mundo e impelindo-o a uma culpa insuportável.

3. DESMEMBRAMENTOS

Outra conexão que a leitura realizada aponta é a de *O processo* com a vida cotidiana, com o não-ser humano, com o mal-estar intermitente (e muitas vezes persistente) que acompanha o não-lugar do indivíduo.

Esse não-lugar é inaugurado nos estudos de Marc Augé (1994), que tece essa terminologia para a descrição de lugares destituídos de significado satisfatório para serem definidos como “um lugar”. Segundo o autor,

Vê-se bem que por ‘não-lugar’ designamos duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação a certos fins [...] e a relação que os indivíduos mantêm com estes espaços. [...] Assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam a tensão solitária (Augé, 1994, p. 87).

Ao pensarmos em K., o herói coloca-se numa situação de deslocamento onde nenhum lugar corresponde ao “seu” lugar, ao “seu” entorno e ao “seu” íntimo. Ainda sobre os não-lugares, Augé escreve (1994, p. 73) que “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá o não-

lugar. [...] espaços que não são em si lugares antropológicos”. Esses espaços se veem destituídos de significação, embalsamando o sujeito em uma tensão solitária que culmina no extremo do não pertencimento.

[...] os lugares e os espaços, os lugares e os não-lugares misturam-se, interpenetram-se. A possibilidade do não-lugar nunca está ausente de qualquer lugar que seja. A volta ao lugar é o recurso de quem frequenta os não-lugares (e que sonha, por exemplo, com uma residência secundária enraizada nas profundezas da terra). Lugares e não-lugares se opõem (ou se atraem), como as palavras e noções que permitem descrevê-las (AUGÉ, 1994, p. 98).

O herói não possui lugar para retorno. A totalidade se torna o seu não-lugar. Nesta tensão, K. vê-se num universo íntimo turvo, confuso, culpado: “Sua memória, que antes era boa, parecia tê-lo abandonado por completo” (KAFKA, 2013, p. 204).

A culpa manifesta-se na personagem de maneira tão natural que o herói já “[...] não sabe a que lugar pertence [e] também não sabe com quem tem obrigações. A fome moral ‘debate-se’ sem objeto até a prostração” (ANDERS, 2007, p. 39). Deste não-lugar é que surgem os estágios da ciranda ética e dos suplícios que manipulam o universo do protagonista.

Nesta sanfona nefasta, o sujeito sente-se excluído do mundo, sem consciência de seus deveres, levando-o a não reclamar seus direitos em parte alguma. Uma vez sem direitos ou sentindo-se sem direitos, K. vê-se numa situação em que não se sente certo. Segue um trecho do diálogo de K. com o sacerdote, capelão do presídio:

– Você sabe que o seu processo vai mal? – perguntou o sacerdote.
– É o que também me parece – disse K. – Fiz todos os esforços, mas até agora sem êxito. É verdade que ainda não terminei a petição.
– Como imagina que vai ser o final? – perguntou o sacerdote.
– Antes julgava que deveria terminar bem – disse K. – Agora às vezes até eu mesmo duvido disso. Não sei como vai terminar. Você sabe?
– Não – disse o sacerdote. – Mas temo que vá terminar mal. Consideram-no culpado. Talvez o seu processo não ultrapasse nem mesmo o tribunal de nível inferior. No momento, pelo menos, consideram provada a sua culpa.

– Mas eu não sou culpado – disse K. – É um equívoco. Como é que um ser humano pode ser culpado? Aqui somos todos seres humanos, tanto uns como outros (KAFKA, 2013, p. 211).

O “estar errado” transforma-se em tormento moral que, por consequência, empurra-o, cada vez mais, para fora do mundo, para o não-lugar.

4. O CÃO

As questões intrínsecas ao processo de Josef K. não são da ordem de um “[...] crime normal [...] tampouco é um caso tramitando pela Justiça comum [...] A culpa de K. é de outra espécie e grau, e, da mesma forma, também tem outra origem o órgão instituído para julgá-lo” (ANDERS, 2007, p. 26).

As autoridades que o julgam “[...] são atraídas pela culpa” (KAFKA, 2013, p. 12), são onipresentes, estão na igreja (na figura do sacerdote), no banco (na sala de depósito utilizada para espancamento), em casa (quando da detenção ocorrida em seu quarto, logo ao início do livro), em sua mente.

O processo habita seu ser consciente e inconsciente, levando-o à falência ética. K. sofre as consequências do que Freud (2015, p. 80) chama de o “[...] inato conflito ambivalente, da eterna disputa entre amor e busca da morte – o acréscimo do sentimento de culpa, talvez a um ponto que o indivíduo ache difícil tolerar”.

Como resultantes da investigação proposta, identifica-se K. como um herói às avessas. “O personagem principal [é um] herói num sentido negativo, porque, em confronto com o mundo existente, ele se destaca, de maneira absoluta, como ‘Ninguém’. Ele é o centro [...] de um círculo [que] não se expande” (ANDERS, 2007, p. 31). A clausura que envolve o protagonista atua de maneira a apagar, página após página, o indivíduo K, até sua extinção.

“O que Kafka descreve não é tanto o ‘existente’, o mundo, com o qual o indivíduo ‘co-existe’, mas o fato de não pertencer, ou seja, o não-ser” (ANDERS, 2007, p. 28), a falta. É possível, assim, conectar *O processo* com a vida cotidiana. Relembramos que o autor era, ele mesmo, um estranho, um sem-lugar:

Como judeu, não pertencia ao mundo cristão. Como judeu indiferente – pois a princípio o foi –, não se integrava inteiramente aos judeus. Por falar alemão, não afinava a fundo com os tchecos. Como judeu de língua alemã, não se incorporava por completo aos alemães da Boêmia. Como boêmio, não pertencia integralmente à Austria. Como funcionário de uma companhia de seguros de trabalhadores, não se enquadrava por completo na burguesia. Como filho de burguês, não se adaptava de vez ao operariado. Mas também não pertencia ao escritório, pois sentia-se escritor. Escritor, porém, também não era, pois sacrificava suas forças pela família. Mas “vivo em minha família mais estranho que um estrangeiro” (carta ao sogro) (ANDERS, 2007, p. 26).

Partindo-se desta perspectiva, é possível imaginar o mal-estar e a culpa que poderiam assolar o homem Franz Kafka e, ainda mais, fazê-lo identificar-se com os disparates morais e éticos diários em que nos colocamos e pelos quais se sentimos culpados.

Em *O Processo*, vive-se uma incongruência entranhada na desorientação causada pela linguagem. “O leitor não ‘perde’ a orientação, pois nunca chegou a tê-la, nunca pôde de fato ter segurança quanto às circunstâncias vividas por K” (VOLOBUEF, 2000, p. 112). Essa desorientação leva K. ao caminho de nutrição do mal-estar, o que, mais adiante, leva-o à culminância de um processo de culpa cujo veredicto final é a morte.

“De certo modo, o usuário do não-lugar é sempre obrigado a provar sua inocência” (AUGÉ, 1994, p. 94). É nessa situação que o herói falha e acaba por se inserir no que aqui chamamos de extremo do não-lugar. Se “[...] o espaço do não-lugar não cria [...] solidão” (AUGÉ, 1994, p. 95), o desfecho vazio e solitário do herói é o extremo deste não pertencimento.

“Como um cão – disse K. Era como se a vergonha devesse sobreviver a ele” (KAFKA, 2013, p. 228). Este ato final de *O processo* mostra o extremo deste não-lugar, pois “Encontrar o não-lugar do espaço, um pouco mais tarde, escapar à opressão totalitária do lugar, será encontrar algo que se assemelha a liberdade” (AUGÉ, 1994, p. 107). Com sua morte solitária, K., de certa forma, leva seu não-pertencimento ao extremo.

O protagonista enclausura-se em um circuito psíquico até o desfecho em sua morte vazia. K. morre indigno, desumano. Indigno por não ter convencido a si

mesmo e, conseqüentemente, aos outros, de sua inocência. Desumano por ter se deixado consumir, condensar e implodir sua existência e condição de homem aos tormentos da mente.

REFERÊNCIAS

ANDERS, Günther. *Kafka: pró e contra - os autos do processo*. Trad. de Modesto Carone. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BELO, Warley. Cidadão Joseph K.: observações críticas sobre “O Processo” de Kafka e o processo penal. Disponível: http://www.fmd.pucminas.br/Virtuajus/2_2006/Docentes/pdf/Warley.pdf.

Acessado em 18/02/20

CANDIDO, Antonio. *Textos de Intervenção*. São Paulo: Ed. 34, 2002. Disponível: <https://www.livrebooks.com.br/livros/textos-de-intervencao-antonio-candido-dgnae4arwwuc/baixar-ebook>. Acessado em 04/02/2017.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

GASPAR, Taís Ribeiro. O sentimento de culpa e a ética em psicanálise. *Psychê*, ano XI, n. 20, p. 47-65. São Paulo: 2007. Disponível: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382007000100004. Acessado em 15/02/2016.

KAFKA, Franz. *O processo*. Trad. de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

VOLOBUEF, Karin. Uma leitura do fantástico: a Invenção de Morel (A. B. Casares) e O Processo (F. Kafka). *Revista Letras*, n. 53, p. 109-123. Curitiba: Ed. UFPR, 2000.

Disponível: <http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/18866>. Acessado em 10/01/2016.

Recebido em 23/02/2017.

Aceito em 16/03/2017.